

COTIDIANOS E REDES EDUCATIVAS

**#BATOMPODEHOMOFOBIAO:
CIDADANIA PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA**

*André Tropiano
Cleide Ferreira*

Era só mais um dia normal na vida do estudante Diego Archanjo, morador do município de Nilópolis. O jovem que se identifica como persona [@RamonaFlowers](#), nas redes sociais, espaço em que frequentemente debate temas relacionados à sexualidade e gênero. Diego costuma usar maquiagem e isso nunca foi alvo de nenhum questionamento. Entretanto nesse dia, a coordenadora de sua escola, integrante do Sistema Elite, o repreendeu por estar usando batom. Em um primeiro momento recebeu as palavras da



Fonte: Reprodução do Twitter

coordenadora como um conselho, mas pensando melhor na situação pela qual passou, resolveu externar seu sentimento. Ele então faz uma postagem no Twitter, marcando o perfil [@sacELITE](#), gerenciado por um grupo de alunos da rede de ensino que reúne informações, sugestões, reclamações, entre outras questões pertinentes ao cotidiano deles.

Sendo assim, em poucas horas após a postagem, no dia 31 de maio de 2017, Diego se tornou protagonista da campanha contra a homofobia, conquistando espaço nos *Trending Topics* (TTs) do Twitter com a *hashtag* [#BatomPodeHomofobiaNAO](#), disparada por seus colegas de turma e de outras turmas da mesma rede de escolas.

Por meio do perfil [@sacELITE](#), os alunos das mais diversas escolas da rede se indignaram e se comoveram com a situação do aluno, vítima de homofobia, e se organizaram para protestar dentro das escolas. O protesto tomou vulto quando alunos e alunas usaram batom e maquiagem, empunharam seus cartazes de protesto e movimentaram os intervalos dos colégios da rede, como nos mostra o exemplo da foto¹. Com tais atitudes, os estudantes inundaram a rede social com a *hashtag* contra a homofobia.

Diante da repercussão do tema e das mais variadas reações de apoio e de indignação em favor e contra o aluno, a escola teve de se posicionar. Em nota à imprensa o Sistema Elite de Ensino, enquanto empresa privada de educação, se coloca numa posição de apoio ao estudante e aproveita a campanha para também lançar seu manifesto pela diversidade.

Numa atitude controversa, tentando proteger a coordenadora da escola, Diego gravou um vídeo em que esclarece o que aconteceu², isentando a escola de qualquer culpa, agradecendo o apoio dos colegas.

E, após esse vídeo, o perfil [@MidiaNinja](#), comunidade de jornalismo independente nas redes sociais, questionou o posicionamento do estudante: *“Diego Archanjo diz que escola Elite só quis protegê-lo[sic]. Mas o papel da escola é esconder ou criar um ambiente seguro?”*.

Esse episódio expõe o contexto sociocultural em que vivemos, denominado por Levy (1999) de cibercultura, na qual o conhecimento muda muito mais rapidamente do que já mudou em séculos passados, marcada pelo fato da informação circular com enorme rapidez, tornando-se cada vez mais fácil o seu acesso graças aos computadores e à internet. Logo, faz-se necessário então que a escola esteja atenta e preparada para acompanhar a velocidade que é desenvolvida dentro desse espaço virtual, o ciberespaço.

¹ Imagem disponível no link <https://twitter.com/midianinja/status/870286339589144580>, acessado em 15.07.18.

² Vídeo disponível no link <https://twitter.com/MidiaNINJA/status/870730750672470019>, acessado em 15.07.18.

O fato é que a facilidade no acesso aos ambientes virtuais de aprendizagem nos trazem inúmeras situações que revelam uma juventude altamente conectada e, diferentemente do que se pensa ou já se pensou no senso comum, uma geração que reivindica, se posiciona politicamente e que tem a seu favor os aparatos das redes virtuais, que podem formar verdadeiras redes educativas, proporcionando espaços de protagonismo, comunicação e interação entre os mais diversos atores sociais.

Entendemos com isso que os laços estabelecidos socialmente devem se estender e se intensificar não apenas no ciberespaço, mas também nos cotidianos, como forma de criar redes educativas que contribuam para o diálogo entre os pares, de forma a construir cidadania plena. Desta forma, adotar as sugestões de Freire (1983), contribuindo para uma educação comunicativa, que estabeleça pontes entre professores e alunos. Esta será uma das formas que permitirá que mesmo engajados em nossos papéis sociais, nos coloquemos, enquanto sujeitos, transformadores de nossos espaços.

Para isso, a escola tem um importante papel de refletir e participar das causas sociais, minimizando as diferenças que porventura sejam encontradas nela, provendo o engajamento do jovem na sociedade. Tal como nos salienta Freire (1983), *"educador, se recusa à 'domesticação' dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação."* Sendo assim, é preciso que o diálogo exista nas mais diversas redes educativas possíveis. A partir daí, rompemos com uma educação apenas pautada na transmissão de conhecimento em prol de uma educação que troca saberes com objetivo de transformar, por exemplo, na luta contra a homofobia.

Sobre os autores:

André Tropiano é Relações Públicas e Mestrando em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da UERJ. Linha de Pesquisa: Educação, Comunicação e Cultura.
Email: andretropiano@yahoo.com.br

Cleide Ferreira é Pedagoga e Mestranda em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas no Programa de Pós-Graduação em

Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da UERJ. Linha de Pesquisa: Cotidiano, Redes Educativas e Processos Culturais.

Email: cleide.pcrj@gmail.com

Referências:

FREIRE, Paulo. *Educação: comunicação ou extensão?* São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2ª Ed., 2004.

LEVY, Pierre. *Inteligência coletiva*. Edições Loyola, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.